ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA, ANTROPÓLOGO E EDUCADOR

ROQUE DE BARROS LARAIA
Professor Emérito da Universidade de Brasília

Há 16 anos, aceitei o convite de Mariza Corrêa para participar da organização de um volume em homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira por ocasião de sua aposentadoria na Universidade Estadual de Campinas. Optei, então, por ressaltar o seu papel como educador, salientando a sua preocupação com a formação de novos recursos humanos para a antropologia social. Agora, ao ser convidado para participar de uma homenagem póstuma ao meu querido professor e amigo, resolvi reescrever o mesmo artigo com algumas modificações e ampliações. Afinal, utilizando uma metáfora de Castro Faria, Roberto Cardoso de Oliveira, em 1992, ainda não tinha iniciado a sua 5ª estação.

Este texto trata de um aspecto importante da carreira de Roberto Cardoso de Oliveira: a sua capacidade de formar novos recursos humanos para a antropologia social. Neste ponto, ele se distinguiu de outros pesquisadores importantes que não quiseram ou não puderam formar uma "escola". Assim, ao lado do trabalhador de campo, do antropólogo preocupado com o desenvolvimento teórico da disciplina, do militante da causa indigenista, existe a figura do educador comprometido com a renovação dos quadros acadêmicos capaz de assegurar o futuro da ciência; existe o professor dedicado ao objetivo de pôr termo a um período no qual imperava o autodidatismo.

Ele foi o produto de uma fase de transição entre o autodidatismo e a formação *stricto sensu*, que só foi possível entre nós praticamente na segunda metade do século XX. Bacharel em filosofia[1] pela

Anuário Antropológico/2007-2008, 2009: 13-26

Universidade de São Paulo, teve o seu interesse despertado para a antropologia por ocasião dos preparativos para os festejos do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Entre os muitos eventos programados, dois deles tinham muito a ver com a disciplina: a realização do XXXIV Congresso Internacional de Americanistas, no imponente Hotel Esplanada, com a presença dos mais importantes antropólogos da época, e uma grande exposição etnológica montada por Darcy Ribeiro no então novíssimo Parque do Ibirapuera. Foi durante uma conferência de Darcy na Biblioteca Municipal que os dois se conheceram. Logo depois, Darcy convidou-o para trabalhar na Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios. Foi assim que o filósofo recém-formado se transformou em um etnólogo, repetindo a mutação que, vinte anos antes, ocorrera com um professor francês de filosofia. Foi nessa época que iniciou as suas pesquisas de campo entre os Terêna.

Em 1956, foi convidado por Darcy Ribeiro para participar, como assistente, do 2º Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural no recém-criado Museu do Índio. Foram alunos deste curso Carlos Araújo Moreira Neto, Danton Moreira Neto, Jorge Guimarães de Oliveira, Lígia Estevão de Oliveira e Maria Heloísa Fenelon Costa. Em 1957, com a saída de Darcy do SPI, o curso se extinguiu. Um outro foi criado por Darcy, no âmbito do Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional, o Curso de Aperfeiçoamento de Pesquisadores Sociais, mais fortemente orientado para a área da educação. Roberto Cardoso de Oliveira foi também professor deste curso nos dois anos seguintes.

Com a demissão de José Maria de Gama Malcher da presidência do Serviço de Proteção aos Índios, e com o afastamento de Darcy Ribeiro e Eduardo Galvão da Seção de Estudos do Museu do Índio, Roberto Cardoso de Oliveira aceitou, em 1959, o convite de Luís de Castro Faria para integrar o quadro do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, então uma instituição autônoma de pesquisa vinculada diretamente ao Ministério da Educação.

O Museu Nacional – a mais antiga instituição de pesquisa do país, fundado que foi em 1818 – possuía já então uma grande experiência na organização de expedições científicas destinadas à coleta de materiais e dados nas áreas de antropologia, botânica, geologia e zoologia. O seu acervo de peças etnográficas é da ordem de quatro centenas de milhares. Fizeram parte do Departamento de Antropologia pesquisadores importantes, como Edgard Roquette-Pinto e Heloísa Alberto Torres, mas até o final da década de 50 não se destacara ainda na área do ensino antropológico.[2]

Antes mesmo da incorporação do Museu à Universidade do Brasil – o que só ocorreu em 1961 – Roberto tomou a iniciativa de organizar um curso de antropologia social em nível de pós-graduação (*lato sensu*), tendo obtido os recursos financeiros junto ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil. Em fevereiro de 1960, realizou-se a seleção da primeira turma. Foram admitidos seis estudantes[3] que, na qualidade de bolsistas, cumpriram em regime de tempo integral um pesado programa acadêmico de dez meses de duração, três dos quais dedicados a um trabalho de campo junto aos índios Terêna.

Para alunos recém-saídos da universidade, o curso constituiu uma mudança total de ritmo. Toda a parte da manhã era ocupada pela realização de aulas expositivas e seminários, ministrados exclusivamente por RCO. As tardes eram destinadas às leituras dos textos relacionados com as atividades matutinas. A maioria deles era em inglês, alguns poucos em francês ou espanhol e praticamente nada em português.[4] Trabalhava-se também em casa, durante a noite, para poder complementar as leituras, que podiam atingir 900 páginas por semana. Repetia-se, assim, em nível de pós-graduação, a experiência didática de selecionar um pequeno grupo de alunos e submetê-lo a um regime integral de treinamento sob uma supervisão tutorial, experiência esta que estava sendo realizada, desde a década anterior, em nível de graduação pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais.

O ambiente austero do Museu Nacional – com seus corredores repletos de vitrines com ossos e aparelhos científicos – os naturalistas (designação oficial de seus pesquisadores), com seus solenes aventais brancos, somados ao entusiasmo de RCO refletiram de maneira positiva sobre o grupo de jovens estudantes, propiciando um clima de solidariedade, disposição para o trabalho e também um nível adequado de competitividade.

Mais de quarenta anos depois, revendo as notas desse curso, dá para imaginar (ou melhor, recordar) o "admirável mundo novo" que RCO ofereceu a cada um de seus alunos. Um mundo que abrangia os autores clássicos da antropologia, mas que também abria espaços para sociólogos como Talcott Parsons, Robert Merton, Marion Levi Jr. e, naturalmente, Florestan Fernandes. Dois textos foram exaustivamente discutidos: *The structure of society*, de Marion Levy Jr. (Princenton University Press, 1952) e o então recém-lançado *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*, de Florestan Fernandes (Companhia Editora Nacional, 1959). A base epistemológica do curso foi complementada por S. F. Nadel, *Fundamentos da Antropologia Social* (Fundo de Cultura Economica, México, 1955). Essas leituras estimularam ainda a realização, no ano seguinte, de um seminário informal, desenvolvido por três alunos do curso, tendo como texto básico o livro *Ideologia e Utopia*, de Karl Mannheim.

Não há dúvida de que, na época, o rompimento proposital dos limites ortodoxos da antropologia causou críticas e comentários por parte de antropólogos mais rigidamente presos aos cânones da disciplina. A própria escolha do título do curso, Antropologia Social, ao invés de Antropologia Cultural, constituiu um desafio. A acusação mais frequente era a de que se tratava de um curso de sociologia. Nada mais falso. Os temas tradicionais da antropologia ocupavam a maior parte do tempo dos alunos. Sob o título "organização da atividade econômica", estudava-se tanto Firth

quanto Herskovitz. E grande parte dos alunos tomou conhecimento, pela primeira vez, de rituais como o "kula" (através de Malinowski), o "potlatch" (através de Boas) e até mesmo os "grupos de comer Tapirapé" (através de Baldus). O conceito de propriedade e de posse foi ortodoxamente retirado do prosaico *Notes and Queries, vade mecum* de toda uma geração de antropólogos.

Na parte destinada ao estudo da "organização da vida associativa" eram utilizados textos de Morgan, Rivers, Lowie, Tönnies, e o então ainda pouco conhecido no Brasil, Claude Lévi-Strauss.[5] Sob o título de "organização da conduta religiosa" foram estudados os textos de Durkheim, Mauss, Herz, Firth, Pindigton, Radcliffe-Brown, Weber e René Ribeiro. Como era de se esperar em um curso organizado por RCO, o tema "aculturação e assimilação"[6] constituiu parte importante. Foi quando os alunos tiveram a oportunidade de tomar conhecimento do trabalho de Malinowski, *The Dynamics of cultural change: an inquiry into race relations in Africa* (1949); *de Balandier, Sociologie actuelle de l'Afrique noire* (1955); principalmente dos *Memorandum for the study of acculturation*, assinado por Redfield, Linton e Herskovitz, publicado em 1935; e *Acculturation: an explanatory formulation*, assinado por Siegel, Vogt, Watson e Broom, publicado em 1954. Foi no decorrer desta parte do curso que pela primeira vez RCO apresentou as reflexões que o levariam, pouco tempo depois, a formular a sua teoria sobre "fricção interétnica", um dos marcos importantes de sua vida acadêmica.

Finalmente, "métodos e técnicas de pesquisa social" constituiu uma parte relevante em um curso que tinha como objetivo a formação de pesquisadores de campo. O livro de Goode e Hatt, *Métodos em pesquisa social*, foi um texto básico, e os alunos não se cansaram de agradecer à Companhia Editora Nacional por ter publicado a sua tradução justamente em 1960. Nesta parte do curso, uma simulação de pesquisa foi realizada em favelas do Rio: Leme, Jacarezinho e Esqueleto. Os alunos foram divididos em três duplas e quatro deles

se despediram com apreensão da dupla que teve a má sorte de ser designada para realizar o trabalho na favela do Esqueleto, a de pior fama.[7]

A *segunda parte do curso foi dedicada ao treinamento de pesquisa.* RCO, acompanhado por três alunos, seguiu de trem para a então distante Campo Grande, em Mato Grosso. A viagem foi interrompida por uma parada em São Paulo. RCO levou seus alunos até a Faculdade de Filosofia da USP, na rua Maria Antônia, onde foram apresentados a Florestan Fernandes e aos seus dois assistentes, Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni. As três alunas, juntamente com o professor assistente Olmar Paranhos Montenegro, seguiram por via aérea. Afinal, aquele era um tempo em que o machismo e o cavalheirismo se confundiam.

O projeto "Grupo doméstico, família e parentesco: ideias para uma pesquisa em Antropologia Social", elaborado por RCO, serviu para o treinamento dos estudantes na pesquisa sobre os Terêna. Todos eles realizaram os diferentes procedimentos de investigação, tais como entrevistas, genealogias, histórias de vidas e estudos de casos. Aprenderam as técnicas de aproximação dos informantes e a elaboração de cadernetas de campos e de diários, tudo isto entremeado de ensinamentos sobre a ética do trabalho de campo. À noite a equipe se reunia e cada um lia um trecho de seu diário, todos sujeitos aos comentários críticos do professor. Foi um período rico em experiências e deslumbramentos, e para alguns o momento da confirmação da escolha profissional. Findo o trabalho de campo (junho a agosto), iniciou-se no Museu Nacional a fase de análise dos dados e a redação de relatórios temáticos, que RCO utilizou como subsídios para a feitura de seu livro *Urbanização e tribalismo* (1968).

A última parte do curso (que transcorreu paralelamente à redação dos relatórios de pesquisa) teve uma maior *concentração na área de* etnologia. Além das obras então disponíveis de autores nacionais

(Baldus, Nimuendajú, Galvão, Ribeiro e Schaden), foram discutidos em seminários os textos de etnologia africana, reunidos em dois volumes hoje considerados clássicos: *African political systems*, organizado por Meyer Fortes e E. E. Evans Pritchard (1942) e *African systems of kinship and marriage*, organizado por A. R. Radcliffe-Brown e Darryl Forde (1950).

Em dezembro, o curso terminou com uma prova. O Museu Nacional, reconhecendo a sua eficiência, solicitou à presidência da República a contratação dos três primeiros colocados.[8]

O curso se repetiu nos anos de 1961 e 1962. Em 1961, com três alunos: Júlio Cezar Melatti, Marcos Magalhães Rubinger e Maria Andréa Loyola. A exemplo do que tinha acontecido no ano anterior, os alunos participaram como auxiliares de pesquisa dos trabalhos de campo, realizados respectivamente por Roberto DaMatta entre os índios Gaviões, no sul do Pará; Roque de Barros Laraia entre os índios Suruí, na mesma região; e Alcida Ramos (então pesquisadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil) entre os imigrantes poveiros, localizados na Ponta do Caju, Rio de Janeiro.

Em 1962, o curso contou com três alunos: Maria Cecilia Vieira Helm, Maria Stela Amorim e Silvio Coelho dos Santos. Dois deles acompanharam o trabalho de campo de RCO entre os índios Tikuna, no Alto Solimões. Maria Stela Amorim participou da pesquisa de Marcos Magalhães Rubinger entre os índios Maxakali, em Minas Gerais.

Assim, em três anos, o curso "Teoria e Pesquisa em Antropologia Social" preparou 12 profissionais, dos quais nove seguiram a carreira acadêmica.[9] Este curso foi o primeiro ensaio de um projeto maior: a criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, objetivo este que se tornou realidade no segundo semestre de 1968. Nos anos difíceis que intermediaram estes dois cursos, RCO não descuidou de seu papel de educador. A par da coordenação de dois projetos de pesquisa ("Estudos de áreas de fricção interétnica no

Brasil" e "Estudo comparativo da organização social dos índios do Brasil"), orientou vários jovens pesquisadores que o procuraram. Foram alguns destes estagiários que constituíram a primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS.

Foi decisivo para a implantação do PPGAS o forte apoio da Fundação Ford, obtido graças ao prestígio que RCO desfrutava naquela instituição. Não é possível, no âmbito deste trabalho, relacionar todos os antropólogos formados pelo PPGAS, mas não podemos deixar de mencionar a primeira turma constituída por 13 alunos – jovens que decidiram enfrentar um forte programa acadêmico, ao mesmo tempo em que participavam, cada um a seu modo, da militância política contra a ditadura. Alguns deles foram inicialmente motivados para a sociologia, mas buscaram a antropologia pela impossibilidade de cursar então no Rio de Janeiro um programa de pós-graduação naquela disciplina. Todos foram convertidos, no decorrer do curso de mestrado, à antropologia, com uma única exceção. Era uma turma brilhante, como demonstram os números que se seguem: 12 completaram o mestrado (apenas uma não o fez, porque faleceu ainda jovem); um terço das dissertações aprovadas foram publicadas; nove obtiveram o grau de doutor; e o mais importante, todos exerceram atividades acadêmicas, alguns dos quais são considerados figuras importantes na antropologia brasileira.[10]

No decorrer do tempo em que coordenou o PPGAS, RCO orientou cinco dissertações. Em 1971, foi convidado para ser *Visiting Scholar* junto ao Laboratório de Relações Sociais da Universidade de Harvard e, em 1972, atendendo a um convite nosso, transferiu-se para o Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, com o objetivo de criar um programa de mestrado em antropologia social. A Fundação Ford, que já apoiava o mestrado de sociologia deste Departamento, concedeu o mesmo apoio dado ao Museu Nacional. RCO permaneceu em Brasília por 13 anos, período no qual orientou

15 dissertações de mestrado, tendo um papel primordial na criação do doutorado em antropologia, em 1982.

Em Brasília, viveu uma experiência nova: a de ser professor em nível de graduação. Responsabilizou-se por diversas disciplinas, estimulou o surgimento de várias vocações antropológicas. Nesse período, foi chefe do Departamento de Ciências Sociais e diretor do Instituto de Ciências Humanas, mas em nenhum momento deixou de ministrar disciplinas, abrindo mão das prerrogativas que os cargos lhe conferiam.

Em 1972, criou a *Série Antropologia*, uma coleção de textos produzidos pelos professores, que já atingiu o número 409. Em 1976, em conjunto com o Tempo Brasileiro, fundou o *Anuário Antropológico*, um periódico destinado a acolher, de forma definitiva, os trabalhos dos pesquisadores do Departamento, como também os de outros colegas brasileiros e estrangeiros.

Em 1985, quando ninguém esperava, transferiu-se para a UNICAMP, onde desempenhou um papel importante na criação do doutorado em ciências sociais. Ali orientou sete teses de doutorado. O período que passou em Campinas foi de alta produtividade científica, traduzido em um grande número de publicações, entre as quais destacamos as seguintes: *Razão e afetividade – O pensamento de Levi Bruhl* (Campinas: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, Unicamp, 1991; 2. ed. Brasília: Editora da UnB/Paralelo 15, 2002); *Sobre o pensamento antropológico* (Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, Tempo Brasileiro, 1988); *A crise do indigenismo* (Campinas: Unicamp, 1988); além da organização dos seguintes livros: *A pós-modernidade* (Campinas: Unicamp, 1987); *A Antropologia de Rivers* (Campinas: Unicamp, 1991); e *Estilos de Antropologia* (Campinas: Unicamp, 1995).

Em dezembro de 1990, teve deferido o seu pedido de aposentadoria na UNICAMP, mas continuou vinculado a esta Universidade na condição de Professor Titular Honorário, o que lhe permitiu

continuar ministrando disciplinas e orientando alunos. Em 1997, recebeu o título de Professor Emérito da UNICAMP.

Em 1995, retornou à Universidade de Brasília, desta vez junto ao Centro de Pós-Graduação e Pesquisa da América Latina e Caribe, onde desenvolveu uma linha de pesquisa sob o título "Estudo Comparativo em Regiões de Fronteira na América Latina sobre o tema da Identidade, Etnia e Nacionalidade", que resultou na orientação de oito teses de doutorado.

Nesse período, RCO retomou alguns temas mais ligados à sua formação como filósofo: moral e ética são dois conceitos que aparecem com mais frequência em seus trabalhos. É interessante lembrar que em entrevista concedida a Mariza Peirano, em 1978, referindo-se ao início de sua carreira, afirmou que a ida para a antropologia tinha sido apenas uma estratégia para obter conhecimentos de uma ciência capaz de lhe fornecer o conteúdo para uma reflexão verdadeiramente filosófica. Em uma determinada época, esse seu viés filosófico levou-o a uma estreita aproximação com a hermenêutica. Podemos imaginar que a elaboração de seu livro *Os diários e suas margens: viagem aos territórios Terêna e Tukúna* (2002) teria sido uma tentativa de encerrar o ciclo do etnólogo e ressuscitar os seus planos de juventude, planos estes que foram adiados em função da publicação de seus dois últimos livros: a organização do volume intitulado *Nacionalidade e etnicidade em fronteiras* (Brasília: Editora Unb, 2005), juntamente com Stephen Baines, e aquele que se tornou o seu livro póstumo, *Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo* (São Paulo: Editora UNESP/Paralelo 15, 2006).

O retorno aos seus planos de juventude, a volta à filosofia foram adiados para sempre em julho de 2006. Talvez esse desejo não passasse de uma figura retórica, pois desde que aceitou o convite de Darcy Ribeiro, Roberto se transformou integralmente em um antropólogo que, com seriedade, brilhantismo e criatividade,

dominou o nosso cenário na segunda metade do século XX. Foi uma perda não só para a antropologia, mas para todas as ciências sociais. Sou grato pelos seus ensinamentos e, sobretudo, por sua amizade.

Notas

[1] É verdade que como aluno da USP tinha assistido a algumas disciplinas de antropologia.

[2] É verdade que a prática de ensino não era totalmente estranha à instituição. Os departamentos do Museu costumavam receber estagiários que trabalhavam sob a orientação de pesquisadores.

[3] Os seis estudantes eram Alcida Ramos, Edson Soares Diniz, Hortênsia Caminha, Onídia Bevenutti, Roberto Augusto da Matta e Roque de Barros Laraia.

[4] Na época eram praticamente inexistentes as traduções de textos de antropologia. *O homem*, de Ralf Linton, e *Um espelho para o homem*, de Clyde Kluckhohn, parecem ser os dois únicos livros disponíveis em língua portuguesa.

[5] A ênfase dada ao trabalho de Lévi-Strauss contribuiu para que alguns dos alunos do curso demonstrassem uma forte tendência estruturalista no início de suas carreiras acadêmicas.

[6] Foi no decorrer do curso que RCO terminou a redação de seu livro *O processo de assimilação dos Terêna*.

[7] A favela do Esqueleto não existe mais. Em seu lugar foi construído o campus da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

[8] Foram efetivamente contratados Roberto DaMatta e Roque de Barros Laraia. Alcida Ramos não teve o seu contrato efetivado por não possuir a cidadania brasileira. Logo ela, que obteve a nota mais alta na prova.

[9] Houve apenas duas desistências. Marcos Magalhães Rubinger morreu precocemente, mas exerceu suas atividades profissionais até quando foi impedido pela ditadura militar.

[10] A primeira turma foi constituída pelos seguintes alunos (as siglas entre parênteses onde exercem ou exerceram suas atividades): Alice Rangel (IFCS-UFRJ), Cláudia Menezes (MI-FUNAI), Elizabeth Frolich (PUC-

SP), Euripedes Cunha Dias (UnB), Lucia Matoso (falecida), Lygia Sigaud (MNUFRJ), Madalena Diégues (FINEP), Maria Andréa Loyola (UERJ), Maria Rosilene Alvim (IFCS-UFRJ), Neide Esterci (IFCS-UFRJ), Otávio Velho (MNUFRJ), Paulo Marcos Amorim (IFCS-UFRJ) e Wagner Rocha Neves (UFF).

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA, ANTROPÓLOGO E EDUCADOR

Resumo

Aborda-se aqui a trajetória acadêmica de Roberto Cardoso de Oliveira, enfatizando principalmente o seu papel como educador, mas não deixando de mencionar as suas *outras faces, como* a de semeador de programa de pós-graduação em antropologia. O texto reflete a perspectiva de um de seus primeiros alunos.

Palavras-chave: Roberto Cardoso de Oliveira, pós-graduação em antropologia, trajetória acadêmica.

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA, ANTHROPOLOGIST AND TEACHER

Abstract

The paper traces the academic trajectory of Roberto Cardoso de Oliveira with special emphasis on his teaching role. It also shows other traits such as that of founder of more than one graduate program in anthropology. The text was written from the point of view of one of his first students.

Keywords: Roberto Cardoso de Oliveira, anthropology graduate programs, academic trajectory.